

MODELOS TEÓRICOS DE PLANEJAMENTO

ARVED K. V. KLOUMBERG *

* *Professor e Coordenador do Curso de Arquitetura do Centro de Estudos Superiores de Londrina*

I – INTRODUÇÃO

Após cinco anos aproximadamente do término de um curso em Planejamento Urbano e Regional na Europa e, atuando como docente nesta área senti a necessidade de uma reciclagem de alguns conceitos, assim como um aprofundamento mais sólido. O presente trabalho representa uma parcial reprodução das idéias captadas em aulas no decorrer do curso, Teoria do Desenvolvimento e do Planejamento, enfatizadas as idéias que julguei mais significativas.

O presente trabalho foi estruturado de tal forma a apresentar os conceitos dos modelos teóricos de planejamento urbano dentro do processo de desenvolvimento do país procurando relacionar o processo social com o planejamento físico e territorial.

II – MODELOS TEÓRICOS DE PLANEJAMENTO

O Planejamento Urbano, numa época de crescente preocupação com a justiça social, não se pode ater apenas às questões técnicas de infra estrutura, coerente com densidade de uso e ocupação do solo. Devem-se aprofundar as análises do tipo: como são os meios de comunicação e consumo da população, quais os esforços políticos, quais os interesses sociais em jogo, quem paga e quem recebe os benefícios dos melhoramentos instalados pelo poder público, quais os meios de produção e consumo coletivos. É necessário o desenvolvimento de uma visão e ação estratégicas, descobrindo os pontos nodais dos problemas e concentrando neles esforços e ações coerentes com o processo de desenvolvimento nacional e com o processo de produção e apropriação das condições gerais da vida urbana.

De um lado, existem grupos de planejadores muito presos a teorias e diagnósticos e de outro, aqueles que buscam soluções práticas, mas de curto alcance.

Podemos falar, basicamente, em três modelos teóricos de planejamento:

a) MODELO GLOBALISTA

Baseia-se numa visão do mundo com raízes nos movimentos nacionalistas. Estes movimentos idealistas que propõem a desvinculação da razão da

sensibilidade, que maximizam as composições teóricas e visam a inteligibilidade global.

Tais conceitos do pensamento que embasam a realização do "comprehensive planning", assumem posturas explicativas a respeito da ordem do universo e especulam acerca dos fins dos valores absolutos, a partir dos quais se explicam e justificam os específicos.

Assim, este modelo baseia-se numa visão do mundo que postula o conhecimento global e finalista, numa visão do mundo que admite que não existem coisas reais independentes da consciência, que admite todo um sistema de valores a partir dos quais tenta-se explicar a realidade, e que assume o conhecimento dos mecanismos globais de intervenção social.

O planejamento globalizante preocupa-se, primeiramente, em ordenar objetivos e valores (fins), depois em identificar todas as alternativas (meios) capazes de explicar os objetivos e identificar todos os efeitos resultantes das alternativas e, finalmente, em escolher o mais eficiente.

Como no pensamento globalista o planejador percebe a sociedade a partir de um sistema de valores e crê na possibilidade do conhecimento global, crê também na possibilidade da previsão total.

Este modelo de planejamento é caracterizado pelo desvinculamento da realidade. Suas propostas envolvem cidades ideais para homens ideais, abstratos. A realidade concreta é menosprezada. Chegam a "designs" de cidades para qualquer tempo e lugar.

É globalista (e ingênuo) aquele planejamento que deseje, no âmbito do município, resolver todos os seus problemas sociais, econômicos e físicos. Certos planos diretores recaem neste modelo.

No globalismo a integração das partes permanece uma tarefa intelectual para o analista e qualquer conclusão é limitada por sua capacidade de entender a afinidade das partes.

Numa visão globalizante o mundo se apresentaria harmonioso. Assim, o pensamento religioso, a dominação, o autoritarismo, onde a realidade é deduzida a partir dos fins.

b) MODELO INCREMENTALISTA

Baseia-se numa visão empírica do mundo, mais caracteristicamente, de uma visão pragmática do conhecimento. As concepções subjacentes a este modelo são as da impossibilidade humana de obter noções absolutas acerca da origem e destino do universo e da sociedade e da necessidade de voltarem-se os homens ao estudo das relações entre fenômenos.

Assim, o planejamento incrementalista baseia-se numa visão de mundo que afasta a possibilidade do conhecimento global, finalista e advoga o conhecimento pragmático (como fazer) parcelado.

Ao invés de preocuparem-se com a identificação e valorização de objetivos finais, os quais julgam ser de difícil definição, e por sua amplitude de difícil alcance, busca a melhora dos meios correntes em uso. Quando trabalha em função de objetivos, estes são relativos à busca de pequenos incrementos, ao invés da busca do ótimo ou ideal. O propósito é aliviar os problemas existentes sem buscar alterações estruturais.

É uma ideologia que conserva as tendências, não atuando sobre elas. Não compreende a realidade em seu conjunto. A proposta no incrementalis-

mo, é avaliada pelo incremento de mudança que imprime ao "status quo": concentra as suas avaliações no que chama de margens, ou seja, nos incrementos pelos quais os rendimentos dos valores ou suas conseqüências diferem de uma política para outra. A escolha final é feita por comparação das diferenças incrementais dos estados sociais conseqüentes. Os políticos que entram para a escolha representam sempre mudanças pequenas, incrementais.

A estratégia do incrementalismo não consiste em estipular fins e depois buscar os meios. Pelo contrário, o reajustamento reverso, é fundamental: não se estabelecem objetivos antes que se disponham dos meios adequados.

Nessa atitude está implícito desconhecimento ou não formulação do futuro, além de curto prazo nas proposições e um nível baixo de avaliação das conseqüências.

O incrementalismo pode ser caracterizado, segundo DAVID BRAYBROOKE(2) como um processo decisório através de movimentos pequenos ou incrementais em problemas particulares, mais do que através de um programa de reforma perceptivo. Também é infundável e toma a forma de uma seqüência indefinida de movimentos políticos. Além do mais é exploratório, pois os objetivos da formulação de política continuam a mudar à proporção que uma nova experiência lança nova luz naquilo que é possível e desejável. Nesse sentido, também é melhor descrito, como um tipo de tomada de decisão que se afasta dos males sociais conhecidos, mais do que se move em direção a um objeto percebido e relativamente estável. É o processo decisório que delinea as políticas que se seguem, à luz daquilo que os passos políticos recentes demonstraram ser provavelmente realizáveis; o objetivo utópico, escolhido por seus atrativos, sem que se pense em sua exequibilidade, não é uma influência pesada nesse tipo de processo decisório. Através da freqüência com que os passos anteriores são vistos como desejáveis e novos passos debatidos, revelam-se tanto as capacidades limitadas do homem de compreender e solucionar problemas complexos como também um compromisso não concretizado entre valores conflitantes".

É incrementalismo, se pensar em "horta comunitária" em momentos em que na cidade, a população se torce para poder sobreviver.

c) MODELO ESTRUTURALISTA

Seria uma opção mais equilibrada pois o modelo incremental peca pela sua parcialidade e ênfase nos meios. O modelo globalizante peca pelo seu idealismo exacerbado. O que se pretende é um modelo que articula fins e meios sobretudo partindo da análise da realidade concreta. Seu método consiste em detectar variáveis básicas dos processos e assim agir sobre eles.

Tenta colocar o planejamento urbano no processo histórico e agir em conjunção com suas mudanças de estrutura social, econômica e física.

Procura compreender o urbano e a urbanização no processo histórico, como o urbano vai se dando dentro do desenvolvimento capitalista. Isto inclui o papel da disputa pela renda fundiária no conflito de interesses, que é o processo de desenvolvimento.

Ao conseguirmos destacar a correlação de forças políticas atuando, ao analisarmos o processo histórico, vamos ter uma previsão de sua etapa futura (é claro sem cair no determinismo).

Deve-se agir com o disponível. As decisões não podem esperar. Há também que se atuar no estrutural, relacionando o processo social, político e físico.

Podemos citar como exemplo estruturalista, Marx que conseguiu com sua ciência abarcar múltiplas facetas do real.

Através desta abordagem seria possível perceber a organização da sociedade e de modo mais próximo do urbano, e neste organismo dinâmico, mutável, contraditório, dialético, as inter relações entre seus elementos mais significativos de modo a ser possível conhecer o global de cada específico, embora não entrando ao nível do conhecimento de seus detalhes.

Identificando-se as causas básicas de determinados efeitos, são possíveis intervenções que articulam aos fins pretendidos, meios organizados.

Assim, elaborar uma política adequada para frear o processo especulativo imobiliário, dentro do jogo de interesses vigentes, desenvolver nosso mercado interno, ordenar nossas cidades melhorando a produtividade deste imenso aparato, seriam medidas estruturais.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – CAMPOS FILHO, Candido Malta. **A terra no desenvolvimento urbano**. O caso do Brasil. Revista Brasileira de Planejamento nº 13.
- 2 – CAMPOS FILHO, Candido Malta. **Bases para análise de políticas urbanas**. "Os interesses em jogo". Textos preparados para CNDU - Minter/1984.
- 3 – "Construção de Moradias na Periferia de São Paulo - Aspectos Sócio-Econômicos e Institucionais". Série Estudos e Pesquisas - 30. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Economia e Planejamento.
- 4 – FURTADO, Celso. **Pequena Introdução ao Desenvolvimento**. Editora Nacional.
- 5 – MARTINE, George & Camargo, Lfscio. **Crescimento e Distribuição da População Brasileira: Tendências Recentes**. Revista Brasileira de estudos de população.
- 6 – SCHMIDT, Benício Viero. **A Politização do Espaço Urbano no Brasil**. Espaço e Debates ano 2 nº 5, Editora da Universidade.
- 7 – SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. Editora Brasiliense.
- 8 – WILHEIN, Jorge. **São Paulo, Metrôpole 65**. Editora difusão européia do livro.